

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula Nº 167

11 de agosto de 2012

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos. Sejam bem-vindos.

O tema desta aula me foi fornecido por uma mensagem que recebi de um cidadão do Rio Grande do Sul, chamado Augusto Caballero Fleck. É um rapaz de 18 anos, muito estudioso. Ele não é aluno do Seminário e disse que se inscreveria, portanto não sei se já está inscrito e nos ouvindo. Mas, qualquer que seja o caso, mandarei uma cópia desta aula para ele. Ele andou lendo o meu livro sobre os Quatro Discursos e se embrenhou numa pesquisa histórica para tirar uma dúvida que deixo logo nas primeiras linhas do livro.

Notem que a leitura desse livro é, de certo modo, um pressuposto deste curso. Embora não seja uma leitura obrigatória no começo, eu acho que, à medida que as pessoas vão avançando neste curso, a leitura do *Aristóteles em Nova Perspectiva* se torna necessária para entender certas coisas que estou dizendo aqui e também para que os alunos peguem a prática de transitar entre os quatro níveis de credibilidade, uma vez que, na exposição que faço aqui, estou continuamente fazendo isso: a abordagem às vezes começa num nível poético, sobe para um retórico e chega num dialético. No nível de prova lógico-analítica dificilmente chegamos, mas a idéia é sempre chegar lá, se possível, com relação a este ou aquele tópico em particular.

Já expliquei que o universo de temas se restringe à medida que subimos na escala de credibilidade dos discursos. O terreno da imaginação poética é praticamente ilimitado; já o terreno da persuasão retórica tem um limite mais circunscrito ao interesse de uma sociedade ou comunidade em particular; do conjunto de temas que estão em discussão numa sociedade, só uns poucos são objetos de um exame dialético mais aprofundado; e, por fim, aquilo que chega a ser objeto de certeza científica é um terreno mais restrito ainda.

Logo no começo do livro digo que a existência da idéia dos Quatro Discursos embutida na obra de Aristóteles era uma coisa bastante óbvia, não porque ele o dissesse, mas porque isto era, de certo modo, toda a estrutura da lógica dele. E era não só a estrutura da lógica, mas correspondia milimetricamente à estrutura do processo cognitivo tal como ele o descrevia no trajeto que vai desde a apreensão pelos sentidos até a formação dos conceitos que são utilizados na lógica. Então me parecia que aquela escalada dos quatro discursos era, no fim das contas, a própria estrutura da concepção filosófica geral de Aristóteles; e que, sem ter procurado muito, eu tinha encontrado apenas dois antecessores dentre os intérpretes de Aristóteles. Eu até disse assim: “As pessoas que perceberam isso na obra de Aristóteles foram apenas duas, que eu saiba”. Ou seja, não tive o interesse de pesquisar historicamente a fonte para saber se outras pessoas tinham compreendido a

mesma coisa. [1 inserir NR com página onde Olavo diz isso] É claro que tinham, era uma questão de procurar. Mas isso evidentemente não interferia no restante da exposição.

Este rapaz, Augusto Caballero Fleck, se deu ao trabalho de procurar e evidentemente encontrou mais precursores, mais pessoas que tinham compreendido a unidade profunda da teoria do discurso em Aristóteles. De tal modo que agora, depois da investigação que ele fez, se torna ainda mais surpreendente que essa consciência da existência dos quatro discursos tenha desaparecido tão completamente em épocas posteriores.

Eu vou ler aqui a mensagem dele e depois vou comentar:

Caro Olavo de Carvalho,

Sou admirador do seu trabalho, tanto intelectual como moral. Foi através do senhor que tive contato com a Teoria dos Quatro Discursos que prontamente me interessou.

O senhor escreveu no prefácio do seu livro a respeito do assunto que, dentre os intérpretes de Aristóteles, somente Avicena e Stº Tomás perceberam essa unidade. Mas reuni algum material sobre o assunto, e tenho a certeza de que a história não é assim. Sinto reconhecer um grande valor no seu trabalho, em particular a analogia descrita pelo senhor entre os conhecimentos humanos e os quatro discursos. O que reuni é o seguinte:

A inclusão da poética e da retórica no *Organum* aristotélico era tradicional entre os siríacos e os mulçumanos. Essa tradição remota pelo menos ao neoplatônico Simplício de Cilícia, cerca de 490 a 560 a.C. Contudo, já Alexandre de Afrodísias, entre os séculos II e III d.C., é considerado um dos seus proponentes. A mais famosa exposição dessa divisão da *Lógica* encontra-se no *Catálogo das Ciências*, ou *Enumeração das Ciências (Ihsa' al-'ulum)*, Al-Farabi. No século XII, esta obra foi traduzida duas vezes para o latim: a primeira tradução é de Gerardo de Cremona e a segunda é de João de Sevilha. Domingo Gundisalvo (nascido em Segóvia, em 1110, e morto em Toledo, em 1181) seguiu Al-Farabi em seu *De divisione philosophiae* (Das divisões da filosofia). Enfim, Stº Alberto Magno — que admite haver ainda uma sexta parte da *Lógica*, “a tentativa” (toma-se o termo como adjetivo), segundo o *Liber de predicabilibus* — e Stº Tomás (*Comentários Analíticos Posteriores*) também seguiram essa tradição.

A respeito do discurso tentativo, Stº Tomás não segue Stº Alberto Magno. Este escreve no *Liber Posteriorum Analyticorum* (Livro sobre os Analíticos Posteriores): “Em quinto lugar está a proposição que se sabe que é falsa mas que por algum signo move ou pode mover a alma de quem ouve ou opinar de algum modo que pareça verdadeiro ou dúbio. A argumentação composta por tais proposições é chamada pelos gregos de *siroika*, mas entre nós de *tentativa*.”

Stº Tomás refere-se ao discurso tentativo no seu comentário à *Metafísica* de Aristóteles. Escreve Aristóteles, *Metafísica*, livro γ, capítulo II: “A dialética é tentativa (*perastike*), daquelas coisas das quais a filosofia é cognoscitiva”. E comenta Stº Tomás: “Portanto, o filósofo procede a partir do gênero de ente para provar o que deve ser considerado sobre os acidentes comuns desse gênero de ente. Mas o dialético procede aquilo que deve ser considerado a partir das intenções de razão, que são extrínsecas à realidade. E, portanto, é dito que a dialética é tentativa porque é próprio do tentar proceder a partir de princípios extrínsecos.”

Ou seja, a dialética parte das opiniões correntemente admitidas entre os sábios sobre algum ponto, de maneira que é uma abordagem indireta: ela não vai diretamente à natureza do ente do qual se está falando, mesmo porque se toma por princípio. Se há uma discussão dialética é porque se ignora exatamente qual é a natureza, então partimos de indícios indiretos, ou seja, o que os outros dizem a respeito e a partir deste ponto vamos afunilando aquilo até chegar a tentar apreender o que é o objeto do qual estamos falando. Segue o texto:

Duas das principais passagens de Aristóteles, que sugerem que ele mesmo professava essa unidade, são: “Isso é manifesto qualquer que seja o ensinamento considerado: as ciências matemáticas se adquirem desse modo, assim como cada uma das outras artes; é ainda o mesmo para raciocínios dialéticos que são arranjar por silogismos ou por indução. Com efeito, tanto os primeiros como os outros tiram o seu ensinamento de conhecimentos preexistentes: no primeiro caso, é tomando premissas como admitidas pelo adversário; no segundo, provando o universal pelo fato de que o particular é evidente. É ainda do mesmo modo que os argumentos retóricos produzem persuasão, pois usam seja de exemplos, que é uma indução, seja de entimemas¹, que não é outra coisa que não um silogismo (...)

É evidente que este parágrafo, embora não esteja afirmando explicitamente que existem quatro discursos escalonados nesta, nesta e nesta base, dá isso por subentendido, mostrando que, no fundo, no fundo, todos os procedimentos argumentativos se referem a um mesmo padrão das distinções, padrão das diferenças entre os vários discursos.

Daí ele escreve:

(...) Deixemos de lado os outros gêneros de discurso. O exame é antes obra da retórica ou da poética”.

O Augusto nos remete a outro trabalho que fez, explicando a essência da lógica e o seu objeto formal, que está num site da Internet.

Eu mandei um e-mail para ele, cumprimentando pela sua investigação e dizendo que meu livro está com 15 anos e que, de fato, essa parte histórica precisava de uma complementação; e que o interesse da coisa não era só histórico, mas à medida que se desencavassem outros dados, isso poderia resultar até num *upgrade* da teoria geral. Depois mandei para ele um PS, dizendo o seguinte:

É evidente que, entre os quatro níveis de credibilidade, se pode introduzir vários graus intermediários, mas creio que as diferenças entre os quatro fundamentais são irreduzíveis a meras gradações. A diferença entre probabilidade e verossimilhança corresponde a do objetivo *versus* subjetivo.

Ou seja, a meta do discurso dialético é uma distinção objetiva, embora o discurso dialético parta de um elemento subjetivo, que são as opiniões dos outros. Você tem um problema, não sabe como resolver, então parte daquilo que os sábios foram dizendo a respeito ao longo dos tempos. Mas você usa essas opiniões como substância de contraste para que a própria natureza ou princípio fundamental daquele assunto lhe apareça, e este princípio fundamental já não terá somente um valor subjetivo, ele diz efetivamente algo a respeito do objeto. Qualquer investigação que você faça do *que é* determinada coisa é sempre assim: se você pergunta “*o que é?*” é porque não sabe e os únicos indícios que você tem são justamente os termos do problema, ou seja, as opiniões contraditórias que foram se acumulando.

A técnica com que Aristóteles trabalha nesse ponto é muito delicada, porque ele pega as várias opiniões e procura ver se elas realmente incidem sobre um mesmo objeto focado de uma mesma maneira e num mesmo nível. Para isso ele usa evidentemente as distinções entre as categorias e as distinções entre os ante predicamentos, ou seja, se é um julgamento hipotético, categórico, modal, etc. e etc. E frequentemente acaba se revelando que essas várias opiniões contraditórias não dizem respeito exatamente à mesma coisa, mas a diferentes ângulos desta mesma coisa. E daí montando esses vários ângulos e vendo as várias interseções entre as abordagens feitas em diferentes níveis,

¹ Entimema é um silogismo com a premissa subentendida ou oculta, por assim dizer.

aos poucos a figura do objeto mesmo vai aparecendo por cima ou para além dessas diferenças de enfoque. Isto quer dizer que o termo final, o objetivo último do discurso dialético é um julgamento de probabilidade, mas que já não é mera opinião, é algo que diz respeito ao objeto, ou seja, o discurso dialético termina tendo um conhecimento mais apropriado do objeto do que você tinha no começo.

Ao passo que, quando falamos de verossimilhança, que é o termo final do discurso retórico, ela é evidentemente subjetiva porque verossimilhança é parecer verdadeiro. Uma coisa só pode parecer verdadeira para alguém, para esse público, para aquele outro público. Então o que faz o retórico? Ele parte daquilo que ele imagina que a platéia aceita já como verossímil e tenta vender para essa platéia outra idéia, baseando a sua argumentação no critério de verossimilhança que a platéia já tem. Se a platéia acredita nisso ou naquilo, ela pode acreditar mais nisso outro que eu quero que ela acredite: este é o objeto do discurso retórico. Então veja que todo o movimento do discurso retórico começa e termina dentro do verossímil: ele não aprimora o critério de verossimilhança, ela apenas parte de teses verossímeis A, B e C, para vender uma tese verossímil X ou Y. Não há um aprofundamento no conhecimento da coisa propriamente dita. Então como a premissa de que ele parte é a verossimilhança e a conclusão do discurso é outra verossimilhança, estamos no mesmo nível. E verossimilhança é sempre evidentemente subjetiva: é aquilo que é verossímil para este público ou para aquele outro público.

Tanto que Aristóteles usa páginas e páginas da *Retórica* para descrever a mentalidade dos vários públicos tomada como amostras. Por exemplo, mentalidade dos militares, mentalidade dos jovens, mentalidade dos velhos, mentalidade das mulheres, e assim por diante. Ou seja, vários públicos possíveis aos quais o orador pode se dirigir. Conhecendo a mentalidade desse público, ele sabe mais ou menos no que esse público acredita e daí ele extrai as premissas verossímeis. Mas aquilo do qual ele quer persuadir essa platéia também é puramente verossímil. Então é assim: se você acredita nisso, tem de acreditar naquilo outro. Mas a primeira é apenas uma premissa verossímil e a conclusão é também verossímil. E a verossimilhança significa que tal pessoa ou tal grupo acredita nisto ou naquilo. Então a verossimilhança não é concebível sem o público para o qual ela é verossímil. É necessariamente um fator subjetivo.

Ao passo que na dialética, se parte de uma crença subjetiva, que já não é puramente verossímil porque se trata da opinião dos sábios, ou seja, são opiniões de pessoas que estudaram o assunto; de qualquer modo você ainda está no nível do subjetivo, é apenas aquilo que eles acreditam, mas você tenta se aproximar de algo que diz respeito ao objeto em si mesmo. Então eu observo: a diferença entre o discurso dialético e o discurso retórico é que o primeiro tende à objetividade, ao passo que o segundo está preso na subjetividade tanto no seu princípio quanto no seu fim.

Nós organizamos os discursos assim: tem o dialético de um lado e o retórico de outro, e você tem, em cima, o discurso lógico-analítico e embaixo o discurso poético.

O discurso poético visa apenas à possibilidade. A possibilidade corresponde precisamente à ignorância. Você especula a possibilidade quando você sabe pouco ou quase nada a respeito de algo. Quer dizer, o nível de credibilidade do discurso poético é apenas dizer que tal ou qual história, tais ou quais acontecimentos são apenas possíveis: eles podem acontecer. Não quer dizer que eles aconteceram, não quer dizer que eles têm de acontecer, não quer dizer que eles têm algo de probabilidade de acontecer; quer dizer apenas que durante o tempo em que você está lendo ou o poema ou o romance ou vendo a peça de teatro e, hoje em dia, assistindo ao filme, você apenas consente em admitir aquela história como possível, como se você a estivesse sonhando, por assim dizer. É a mesma coisa que dizer que o discurso poético lida com a ignorância, não com o conhecimento propriamente dito. Quer dizer, o primeiro movimento da mente em direção ao conhecimento é evidentemente a especulação de possibilidades, mas esta especulação corresponde

precisamente à ignorância. A imaginação está tentando sondar possibilidades de conhecimento, sem analisá-las, sem julgá-las, sem hierarquizá-las e assim por diante.

Ao passo que o discurso lógico-analítico parte de algo que é admitido como verdadeiramente certo, não apenas verossímil. Por exemplo, em Geometria se parte do fato de que um quadrado tem quatro lados e quatro ângulos iguais, e daí, por análise deste conceito, você obtém as demais propriedades do quadrado, como por exemplo, se ele for dividido na diagonal, aparecem dois triângulos isósceles, e assim por diante. E segue toda a geometria do quadrado.

Esses quatro discursos estão diferenciados por oposições máximas e irreduzíveis. Ou seja, se você observar, por exemplo, o discurso lógico-analítico, ele parte de uma certeza para estender esta certeza a detalhes que já estão contidos na premissa e no conceito inicial. Se você tomar o conceito de quadrado na geometria e fizer depois a lista inteira das propriedades dele, que Euclides obtém por análise da figura, ela não acrescentou nada à definição de quadrado, apenas estendeu uma certeza mais geral a outras certezas mais específicas referentes às propriedades do objeto definido de início. Então você parte da certeza para chegar a outra certeza.

No discurso dialético, você parte de uma dúvida para chegar a uma probabilidade ou razoabilidade. Por máxima que seja, por grande que seja a probabilidade, ela não equivale a uma certeza absoluta. Vamos dizer: uma probabilidade de 99,99% ainda não é uma certeza absoluta; ela apenas tem uma persuasividade maior, ou seja, um grau de probabilidade maior, com a ressalva de que a probabilidade em si é uma certeza enquanto probabilidade. Ou seja, temos a certeza de que a probabilidade de tal coisa acontecer é de 70% e não de 10%, 30% ou de 99%. Então a certeza de uma probabilidade é apenas uma probabilidade e não uma certeza - materialmente falando.

Os quatro discursos se diferenciam segundo uma *ratio decidendi* (uma razão de distinções) que é, por assim dizer, uniforme. Estamos lidando com o quê? Com graus de credibilidade, e os graus de credibilidade são, por um lado, aqueles referentes ao próprio objeto. Prestem bem atenção: graus de credibilidade objetivos. Os graus de credibilidade objetivos distinguem a mera possibilidade da certeza. Agora, existem também graus de credibilidade que são subjetivos, e estes distinguem a retórica da dialética. Isto quer dizer que não tem possibilidade de confusão entre esses quatro discursos, eles são perfeitamente distintos.

Porém, eles são perfeitamente distintos na medida em que descrevem graus de conhecimento, por assim dizer, ou qualidade do conhecimento. E não pode haver discursos mistos? É claro que pode. Por exemplo, você vê isso nos próprios Diálogos de Platão: ele começa com um discurso dialético e termina com um discurso mítico, portanto poético. É que eu chamo um discurso misto. Mas pode haver também um discurso intermediário, que não é a mesma coisa que misto. O que é o discurso intermediário? É o que mescla na sua própria estrutura diferentes níveis de credibilidade. E é exatamente aí que entra aquilo que Santo Alberto chamava o *discurso tentativo*. Notem bem como ele define o discurso tentativo:

“Em quinto lugar [ou seja, além dos quatro tipos de proposições de que estamos falando], existe a proposição que se sabe que é falsa, mas que por algum signo move ou pode mover a alma de quem ouve a opinar de algum modo que parece verdadeiro ou dúbio”.

O que ele está dizendo? Ele está falando de uma proposição que um sujeito ouve como se fosse uma sentença lógico-analítica ou dialética e outro ouve como se fosse apenas retórica. Ou seja, há diferentes interpretações da mesma proposição: para um, aquilo tem credibilidade total e para outro tem uma credibilidade pequena ou dúbia. Claro, é possível desenvolver um discurso assim, e ele chama esse discurso de discurso tentativo. Pergunto: Isto é um quinto discurso na escala da Teoria dos Quatro Discursos? Claro que não, é apenas uma combinação de propriedades de dois discursos

diferentes. Ou seja, o discurso tentativo só se distingue dos outros pela diferente atitude dos ouvintes: um ouve de um modo, outro ouve de outro modo. É como se dissesse: é a introdução de um elemento retórico num discurso dialético ou lógico. Retórico por quê? Porque depende da psicologia do ouvinte.

Ainda estamos lidando com distinções que são feitas como base naqueles quatro conceitos fundamentais e que não requerem a introdução de nenhum outro conceito distintivo. Por isso mesmo que há a idéia de que “pode existir um quinto, um sexto, um sétimo, um oitavo discurso”? Pode existir uma infinidade de discursos, porém nenhum deles modificará a estrutura fundamental quaternária. A não ser que você introduza um novo modo de distinção que não possa se reduzir aos conceitos que já estão explicados nos quatro discursos. Portanto, os discursos fundamentais são quatro sem sombra de dúvida, porque isso está arraigado na própria natureza do discurso humano. Agora, as combinações e níveis intermediários são em número infinito — infinito, não sei, mas ilimitado.

Porém surgiu outra dúvida quanto ao chamado discurso tentativo. Daí o Augusto me mandou outra resposta aqui, dizendo:

Concordo plenamente que entre os discursos há diferenças específicas irredutíveis a meras gradações. Não julgo, por exemplo, que a certeza seja o mesmo que a probabilidade altíssima. (...)

Claro que não é.

(...) Creio ter consciência da distinção dos problemas históricos e filosóficos dos quatro discursos.

Uma coisa é se perguntar, por exemplo, quantos autores ao longo dos tempos aceitaram ou deram por implícita a unidade do *Organum* de Aristóteles, incluindo a *Retórica* e a *Poética*? Ele mostra que foram mais autores do que eu tinha imaginado no começo. Também realmente não tive a preocupação de sondar isso. Porque eu vejo que, de toda essa idéia da unidade dos quatro discursos, que aparecia tão claramente para Avicena e Stº Tomás, praticamente nada sobrou na Modernidade, ninguém sabe disso. A coisa morreu com Aristóteles, Stº Tomás e Avicena. Se antes deles houve outros autores que aceitaram isso, não há interferência no que eu pretendia demonstrar, porque a minha idéia era examinar a estrutura dos quatro discursos tal como aparecia no próprio Aristóteles e tal como havia desaparecido na Modernidade. O que aconteceu? A história do que aconteceu nesse ínterim é evidentemente um assunto interessantíssimo, que tem de ser pesquisado, mas que saía completamente do âmbito da investigação que eu estava empreendendo.

Eu só queria demonstrar três coisas: Primeiro, que a Teoria dos Quatro Discursos de fato existia em Aristóteles, embora você não encontrasse uma expressão explícita dela em parte alguma. Mas ela estava de tal modo embutida na estrutura do *Organum* e na estrutura inteira da gnosiologia de Aristóteles que não havia escapatória. Creio que este ponto consegui demonstrar. Segundo ponto é que a coisa tinha desaparecido na Modernidade e o terceiro ponto era que isso era um desastre e por quê? Porque a Teoria dos Quatro Discursos simplesmente estava certa. Quer dizer, não apenas a teoria era de Aristóteles, mas ele tinha razão. Esse era meu objetivo.

Eu sabia perfeitamente da necessidade de contar a história como isso aconteceu, mas para isso precisaria consultar centenas de textos e fazer uma abordagem histórica como ele realmente está fazendo. É absolutamente necessário fazer isso, mas isso já é um segundo assunto, já não é o de *Aristóteles em Nova Perspectiva*; é a história de como a noção da unidade dos discursos se perdeu, ao ponto de chegar à Modernidade com aquela história de *As Duas Culturas* do C. P. Snow (que, *by the way*, era um cretino), que defende a existência de duas culturas — a cultura científica e a cultura humanística —, e ele fazia uma espécie de concorrência entre elas e acabava argumentando pela

cultura científica. Isso tudo, para mim, é uma bobagem porque ciência não surge do nada. Todos nós sabemos que todo e qualquer conhecimento começa com a percepção sensível e vai se elevando gradativamente através da imaginação e da memória, e vai se depurando até chegar à certeza científica, se possível. E isso era o que Aristóteles dizia, e as coisas continuam sendo mais ou menos assim.

Em primeiro lugar, não há duas culturas, há quatro. Por exemplo, o que é que você vai fazer com toda a cultura das discussões jurídicas? Todo o mundo da jurisprudência, dos tribunais, etc. e etc., é tudo discurso retórico. Um faz um discurso retórico aqui, outro faz o discurso retórico aqui, e o juiz tenta resolver com um discurso dialético – mas geralmente não consegue. Se há um assunto no qual a certeza lógico-analítica está praticamente excluída é o mundo das leis. Ele pertence à cultura científica de que fala o C. P. Snow ou pertence à cultura humanística? Nem a um e nem a outro, está numa zona intermediária – intermediária, mas irreduzível. Você não pode dizer que o Direito inteiro, todo o universo do Direito se reduz a uma combinação de lógico-analítico e poético. Não é assim, ele tem suas regras específicas, tiradas 90% da retórica e um pouquinho da dialética.

Para dizer que existem duas culturas, você precisa ignorar que existem leis, que existem um parlamento, que existem discussões legislativas e decisões judiciais, etc. Claro, C. P. Snow só se interessou por estas duas coisas: ciência física, por um lado, e literatura, por outro. E para ele isso é tudo. O mundo da história mesmo, o mundo do poder, das leis, das instituições jurídicas, para ele, não existia. E justamente este mundo ocupa uma região intermediária entre o mundo das Letras e o das ciências, mas ele não se reduz a uma combinação das duas, ele tem regras próprias.

Ele diz:

Quanto ao discurso *peirástico*, eu creio que discordamos neste ponto (...)

Seguindo Stº Tomás de Aquino, eu disse que *peirástico* não é nada mais do que a dialética.

(...) Aristóteles refere, nas Refutações Sofísticas, que *peirástica* é uma parte da dialética. Quando Stº Tomás se refere ao discurso argumento-tentativo, tanto no *Comentário à Metafísica* como no *De Fallaciae* (ainda que seja de autoria duvidosa), somente traduz o que Aristóteles chama de *peirástica*. O discurso *peirástico* me parece ser aquele Sócrates usava contra os reputados sábios, partindo de premissas aceitas por estes para mostrar a sua ignorância.

Sim, perfeitamente. Mas, veja, se é uma parte da dialética, então é dialética, não é um quinto discurso. É claro que existem inúmeras distinções dentro da dialética e, digamos, o argumento *peirástico* é de fato um argumento tentativo. Ele diz:

É o discurso que Sócrates usava contra os reputados sábios, partindo de premissas aceitas por estes para mostrar a sua ignorância.

Este é um dos procedimentos dialéticos, não é o único evidentemente. Você está usando um argumento dialético a partir de premissas científicas de baixa qualidade; premissas que você só finge aceitar para demonstrar que elas estão erradas. E isso o que é? É retórica? Não. Isso é lógico-analítico? Não. Isso é pura dialética. Onde você vê confrontação racional e ordenada de argumentos visando não somente à persuasão, ou seja, a verossimilhança, mas a uma aproximação da verdade, você está ainda dentro do terreno da dialética. E *peirástica* vem de *peirá*, que quer dizer “experimento” ou “tentativa”, e de onde veio a nossa palavra *empirismo*, *empíria*, *experiência*. A dialética é o que entendemos hoje por método científico — isto é um ponto fundamental.

Aristóteles entendia a *filosofia* como uma ciência certa, uma ciência de certezas. Porém, quando se observam os tratados que Aristóteles escreveu e legou, não se tem uma única exposição lógico-

analítica, só tem exposição dialética. Quando ele fala da Metafísica, que é o coroamento da filosofia, ele a designa insistentemente pela expressão “a ciência que buscamos”, portanto não é a ciência que temos. Às vezes ele usa a filosofia para designar de modo geral esse conjunto de atividades, mas às vezes para designar apenas a sua parte mais alta, que é aquela que lida com a ciência certa.

Quando ele diz: “O dialético procede daquilo que deve ser considerado a partir das intenções de razão que são extrínsecas à realidade”. Portanto, parte de opiniões, parte do que as pessoas pensam e não do que objeto é. Mas ele parte disso, visando a se aproximar daquilo que o objeto é. Portanto, a dialética é o caminho que leva a certezas filosóficas. Neste sentido, ela é uma parte integrante da filosofia evidentemente. Ela, pode-se dizer, é somente preparatória, porque não produz certezas. Mas acontece que 99% da atividade filosófica é constituída de investigações dialéticas e as certezas a que chegamos são poucas, como confessa o próprio Aristóteles ao chamar a Metafísica de “a ciência que buscamos”, e não a ciência que temos.

Primeiro, a dialética é o método filosófico por excelência. E a palavra *peirástica* tanto pode ser usada para designar um tipo de argumento específico, que é o argumento no qual você aceita tentativamente uma premissa falsa para derrubá-la em seguida, quanto pode ser usada para designar a dialética como um todo, como o faz o próprio Aristóteles às vezes, designando então a dialética como uma investigação, e não como uma demonstração. Ora, o ideal é chegar à demonstração, mas a própria condição humana nos impõe limitações de modo que aquilo do qual podemos chegar a ter uma certeza absoluta demonstrativa é uma parte ínfima e na maior parte dos casos temos de nos conformar com a investigação, ou seja, com a aproximação, portanto com a tentativa, portanto com a experiência, portanto com a *peirástica*.

Então desde logo, se, no argumento tentativo, você parte de uma premissa hipotética que você toma como verdadeira só para derrubá-la, você está estritamente dentro do território da dialética. O que não possa ser reduzido à retórica, poética ou lógico-analítica é dialética, portanto não vejo aonde se poderia dizer que há cinco discursos. Quando falamos “quatro discursos”, claro, a expressão pode ser ambígua. Eu estou dizendo quatro discursos maximamente diferenciados e objetivamente irreduzíveis uns aos outros.

Mas quantos discursos você pode elaborar a partir ou da mistura ou da intermediação? Um número ilimitado evidentemente. Não faz sentido tentar dissolver a estrutura quaternária como ele diz aqui: “Os quatro ou cinco ou seis discurso”. Não, não é assim. São rigidamente quatro considerados como oposições máximas e irreduzíveis e são em número ilimitado na medida em que você proceda ou a misturas ou a intermediações. Porém, essas intermediações e misturas serão sempre definidas segundo os conceitos dos quatro discursos, não é preciso introduzir nenhum conceito novo. Ou seja, os discursos são quatro segundo uma mesma e constante razão das distinções, mas eles podem ser em número indefinido conforme outras razões de distinção que se apresentem no meio caminho, as quais sempre serão em última análise nada mais do que especificações ou aplicações desses quatro conceitos fundamentais.

Agora aqui diz o Augusto:

Relendo a passagem de Santo Alberto, parece ser também a isso que ele se referia, mas somente quanto à lógica tentativa, que era uma parte da dialética, como gênero distinto. (...) Suponho ainda que a tal *sirôica* seja apenas um engano. Estou com problema em latim para traduzir a sua definição da lógica tentativa.

Eu não vejo qual é o problema aqui. Você ainda está se movendo dentro do terreno da dialética, não há um quinto conceito que seja absolutamente irreduzível aí. Há uma confusão de planos.

Eu tenho impressão que estas dificuldades surgem pelo seguinte: o Augusto é muito novo, tem 18 anos apenas, evidentemente é um cara de gênio. Porém, ele não estudou aqui conosco no Seminário, estudou no Grupo de Filosofia do Centro Cultural Mirador, o qual eu mesmo andei divulgando. Ora, sabemos que todo e qualquer estudo da filosofia que se oferece por aí vai, sobretudo, na direção de textos. E se o sujeito é realmente sério, como o Augusto é, vai mergulhar nesses textos e procurar lá, partir cabelo em quatro e investigar até os sexos dos anjos. Em geral não fazem isso, dão uma lida na apostila e passam adiante. Mas está na cara que ele é sujeito sério.

Mas acontece que, aos 18 anos, você pode ter um imenso conhecimento, uma imensa cultura filosófica, você pode ter começado com 14 anos ou como John Stuart Mills que começou com 4 anos de idade, mas você não vai ter a experiência de aplicar esses conceitos à realidade. Quer dizer, você está lidando num mundo de meros conceitos. É claro que a armadura conceitual do ser humano você pode chegar a dominar com uma idade relativamente baixa, aos 15 anos você pode ter isso: você pode ter toda a estrutura dos modos de argumentação, dos modos de prova, tudo isso. Você só não tem o material ao qual vai aplicar isso.

Quando você estuda muito, geralmente vai se deparar com ciências que já estão desenvolvidas; vai pegar um material que a ciência já está lhe dando mastigado. Você não está pegando material direto da realidade da experiência, ou seja, um material sobre o qual ainda não há conhecimento, um material que é todo constituído de dúvidas e confusão. Se você fizer isso durante muitos anos, então você vai ver a Teoria dos Quatro Discursos de outra maneira, que não é aquela que está documentada nos textos nem de Aristóteles, nem de Santo Tomás de Aquino, nem de Santo Alberto, nem de Simplício, nem de Alexandre de Afrodisia; você vai ver os Quatro Discursos como instrumentos de análise da realidade, e vocês vão observar em vocês mesmos o trânsito da percepção sensível à elaboração imaginária, às tomadas de posição retórica e à depuração dialética e a conquista final de alguma certeza. Depois que você fizer isso durante muitos anos, você vai ver: de fato são quatro etapas, não são cinco, não são seis, embora possa haver muitos discursos e muitos modos de argumentação.

Mas acontece que os Quatro Discursos não são só modos de argumentação, eles são modalidades de aquisição do conhecimento, são vias de acesso ao conhecimento e, como tais, são radicalmente distintos entre si. Um não é o outro, o outro não é o um, não dá para reduzir um ao outro e o outro ao um. Por quê? Porque eles correspondem a etapas do próprio processo do conhecimento, do próprio processo de abstração tal como Aristóteles o descreve. Então eles são exigidos não por propriedades da linguagem humana, mas pela própria estrutura da cognição humana.

Quando escrevi a Teoria dos Quatro Discursos, evidentemente não deu tempo de expor essa outra parte, isto é, essa outra que está implícita, mas que os alunos que têm acompanhado as minhas aulas vêem claramente como eu transito entre esses quatro níveis não apenas como modalidades de discurso, mas como modalidades de cognição. E neste sentido são absolutamente irreduzíveis.

Nesse sentido, ele mesmo diz “estamos aqui discordando com relação à *peirástica*”. Eu não estou vendo discordância alguma, estou vendo que falamos da mesma coisa. Se você diz que é uma parte da dialética, então acabou o problema. Santo Tomás de Aquino também diz isso. E do que Santo Alberto diz não se conclui de maneira alguma que esse quinto discurso é uma coisa independente e irreduzível aos outros, tanto que, ao expor o que é, ele usa elementos da própria dialética. Quando ele diz “é o tipo de discurso que Sócrates usava quando discutia com os sábios”, é uma forma de dialética. Não é analítica, não é poética, não é retórica, então cai evidentemente na dialética. Por quê? Porque é confrontação de hipóteses.

Ora, confrontação de hipóteses é a própria natureza do método científico. É preciso enfatizar isto, é preciso gritar: *A dialética de Aristóteles é o método científico* formulado com 2.300 anos de antecedência, antes que Claude Bernard escrevesse a *Introdução à Medicina Experimental* e 2.100 anos antes que Bacon e Galileu estabelecessem os princípios gerais do método, ele já estava lá totalmente. Tudo o que eles fazem é confrontação de hipóteses. O que faz um cientista? Ele inventa uma hipótese e em seguida busca todos os meios de derrubá-la, seja por argumentação lógica, seja por confrontação com os dados da realidade. Eu digo: o que é isso, meu Deus, senão dialética?! A dialética é o método de Aristóteles. Seria interessante, se quiserem, reler os estudos do Eric Weil sobre isso aí — onde isso está bem claro — e do Jean Marie Le Blond, *O Método de Aristóteles*. Vocês verão que este método não é outro, senão a dialética. É claro que às vezes, quando ele fala da dialética, ele se refere a ela até meio pejorativamente em comparação com o discurso científico a que ele pretende chegar.

Mas você vê que o único setor da filosofia, a única disciplina filosófica ao qual o discurso lógico-analítico se aplica perfeitamente bem, conforme vemos no próprio Aristóteles, é a Metafísica. E a Metafísica o que é? “*É a ciência que buscamos e não a ciência que temos*”.

Espero que isso tenha ficado bastante claro para todos. Isso aqui é fundamental para entender esse curso inteiro. Vamos fazer uma pausa, daqui a pouco voltamos.

[INTERVALO]

Aluno: Tenho duas dúvidas. (1) Depois daquilo que o senhor falou na última aula, da oração diária do Terço e do dom do perfeito arrependimento, ocorreu-me algo em outro sentido. Já foi dito que o seu guru, Juan Alfredo César Müller, afirmava que só há cura da neurose e da psicose na farmacologia. Mas será que isso exclui a possibilidade da intervenção divina, ou seja, será possível o Terço curar neurose ou psicose no caso de o próprio paciente buscar a cura deste modo? Ou mesmo um psicopata não pode ser convencido racionalmente a optar pelo bem e então orar para Nossa Senhora, e com isso ganhar a capacidade de sentir emocionalmente como nós, curando-se, por assim dizer? (2) Por último, se der tempo: o senhor reza diariamente? Porque tive a impressão, ao ouvir a aula da História Essencial da Filosofia, que o senhor reza muito pouco e queria tentar entender o porquê, e agora ouço isso. Estou confundindo algo?

Olavo: Em primeiro lugar, eu acho mais fácil obter uma intervenção divina no caso de um psicopata do que de um psicótico ou neurótico, porque o psicopata normalmente é um sujeito inteligente, ele pode estar consciente de que algo lhe falta e pode então pedir por uma intervenção divina toda essa outra dimensão da realidade que lhe escapou até agora lhe seja revelada.

Agora, no caso de um psicótico vai ser difícil obter de um psicótico a consciência do seu estado. O psicótico está num estado delirante, está completamente fora da realidade, como é que você vai convencê-lo: reze, que você vai melhorar? Ele nem sabe que está ruim. É muito difícil, mas pode acontecer porque nem toda a psicose é permanente, tem altos e baixos. Nada disso é impossível. Literalmente, pela oração você pode obter qualquer coisa que queira. Mas o difícil é fazer a própria pessoa tomar consciência disso e ter a perseverança. Você tem uma espécie de círculo vicioso.

Mas eu acho que, sinceramente, para os psicopatas... Eu não posso assegurar isso, é uma impressão que tenho apenas, mas eu acho que no caso, para o psicopata, existe mais esperança porque ele tem uma doença moral. Se ele perceber isto, disser: “De fato tenho um parafuso a menos, tem algo que está me escapando, tem algo que as pessoas vivenciam e eu não, tem algo do qual elas estão participando e eu não”. Se bem que esta mesma impressão de participação na vida emocional e na vida moral, na mesma medida em que o indivíduo se sente excluído, ele fica pior ainda. Mas se,

num momento de lucidez, ele disser que é assim, mas não tem de ser assim... Eu não acho que seja tão difícil um psicopata perceber isto e tentar fazer alguma coisa nesse sentido.

Em segundo lugar, ele pergunta se eu rezo. Pela ordem: Eu rezo o Terço todos os dias já há bastante tempo. E em segundo lugar, eu estou praticamente rezando o tempo todo — sem brincadeira, não é modo de dizer. Eu não vejo de onde você pode ter tirado essa impressão. Se eu disse que rezo muito pouco quer dizer que estou rezando muito menos do que deveria. Isso é a mesma coisa que você perguntar para uma mulher: “Você acha que os seus peitos são pequenos?”, 99% vão responder “sim”. Mesmo aquela mulher com peitos enormes; quer dizer que ela queria ter ainda maior.

Aluno: O senhor poderia falar um pouco sobre a dialética de Marx, Hegel e Kant? Eu faço uma confusão com essas dialéticas.

Olavo: Em Aristóteles, a dialética era eminentemente um método de investigação. Você só parte para uma investigação, se existe uma dúvida; e só existe uma dúvida caso exista uma incerteza. Diz Aristóteles: “Nós só obtemos conhecimento a partir de algum conhecimento que já temos”. E no caso, quando aparece um problema filosófico, é porque esse conhecimento é incerto, o conhecimento que chega até você é incerto; e é incerto principalmente porque existem várias hipóteses discordantes ou opiniões discordantes. Você partir das opiniões discordantes ou hipóteses discordantes e ir afunilando aquilo, em parte, pelo exame dialético do próprio raciocínio, em parte, pela confrontação com os dados: isto é o método dialético em Aristóteles e isto é o método científico até hoje. Não vou cansar de repetir: a dialética não só é o método científico, mas ela é o único método científico que existe.

No caso, segundo Aristóteles, isso não se aplica à Metafísica, onde, ao contrário, você deve partir de premissas absolutamente certas e por dedução ir extraindo o resto. Mas eu não creio que tenha de ser assim, eu acho que há também um enorme elemento dialético nas investigações metafísicas, como o próprio Aristóteles faz.

Já Hegel, em dialética, quer dizer o próprio processo histórico, a própria estrutura da realidade, para ele, é dialética: ela é constituída de contrários. Diz ele que, na medida em que o espírito divino se manifesta, ele o faz na forma de seu contrário, de algo que é a sua ação ou de algo que não é ele. Então você tem, por assim dizer, um eu e um não-eu. Deste empurrão inicial segue-se todo o resto da realidade, sendo constituído assim como uma eterna confrontação e transmutação de contrários. Então a dialética é o próprio processo da realidade,

Em Marx, isso toma a acepção de que esta... Ele concorda com Hegel, mas ele não vê esse processo como entrechoque de natureza espiritual, mas propriamente material, no sentido da luta de classes, no confronto criado entre os homens na luta pela apropriação da natureza, pelo controle da natureza. Então essa luta assume a forma de uma estrutura de um modo de produção no qual se diferenciam duas classes. A estrutura social é formada da divisão de classes, mas ao mesmo tempo da negação da divisão, porque as classes entram em luta de modo a uma eliminar a outra. Não a classe dominante eliminar a dominada, por aí estaria se prejudicando a si mesmo, mas a dominada eliminar a dominante para ela própria se transformar em dominante.

E em Kant tem uma terceira acepção, que não tem nada a ver com isso, que é apenas uma parte do exame que ele faz das categorias filosóficas. É apenas uma técnica para um tipo específico de análise que ele faz. Mas o termo “dialética”, em Kant, tem um sentido que sai fora dessa tradição hegeliano-marxista.

Aluno: Como classificariamos o querigma dentro da Teoria dos Quatro Discursos?

Olavo: O querigma é o discurso divino e é evidentemente um misto de discurso poético e discurso retórico. O Northrop Frye tratou disso de raspão no livro *Anatomia da Crítica*, mas existe um volume das obras completas, que está saindo agora, *Northrop Frye on Religion*, onde ele trata disso. Mas acontece que, quando você fala do discurso divino — ele diz que é um discurso poético —, o discurso poético divino tem uma propriedade que o nosso não tem, porque, como dizia S. Tomás de Aquino, “nós falamos e escrevemos com palavras e Deus escreve e fala com palavras e coisas”, de modo que a narrativa poética que Deus nos oferece tem um suporte objetivo. Embora este dito numa linguagem que chamaríamos mito-poética, ela não é propriamente isso. Então este é tipo de discurso misterioso. Mas, se for para analisar apenas pela tipologia dos Quatro Discursos, então sem dúvida é um intermediário entre o poético e o retórico, quer dizer, ele tem ao mesmo tempo a narrativa mítica e tem um apelo retórico, uma ordem ou um mandamento.

A respeito disso, aqui, no intervalo, o Maurício perguntou se os quatro discursos não são tipos ideais. Obviamente são. Isto quer dizer que, embora existam manifestações clássicas quase puras de discurso lógico-analítico ou poético, etc., em geral você tem alguma mistura, mas como tipos idéias são marcados por oposições máximas e irredutíveis. E neste sentido não tem o menor cabimento nem especular se existe um quinto, sexto ou sétimo. Que existam milhares, as oposições máximas e irredutíveis continuaram máximas e irredutíveis. Isso é a mesma coisa que você dizer: “Existem os quatro pontos cardeais: norte, sul, leste e oeste”, e eu digo: “Mas existem outras direções: tem uma quinta, uma sexta, uma sétima e tal”. Digo: sim, existe um número ilimitado de direções, só que serão sempre balizadas por essas quatro. E os quatro discursos, neste sentido, têm um poder estrutural irredutível: nada pode aumentá-los nem diminuí-los, embora possa haver outros tipos de discurso. Aliás, no próprio *Aristóteles em Nova Perspectiva*, eu mencionei de passagem a teoria da expressão poética do Dámaso Alonso, em que ele abordará a coisa mais ou menos na base do tipo ideal.

É a mesmo que se afirmar: o discurso narrativo-histórico não cabe em nenhum dos quatro. Eu digo: Ah, não? Ele não tem um nível de credibilidade? Qual é o nível de credibilidade que ele tem? Ele cairá necessariamente num dos quatro. Quer dizer, se a forma é narrativa ou não, isto não pertence à Teoria dos Quatro Discursos, isso pertence à Teoria dos Gêneros. E eu mesmo expus a minha teoria dos gêneros, de modo que até estudar a Teoria dos Quatro Discursos separada da Teoria dos Gêneros já é uma burrada. Em muitos desses casos aqui os caras estão confusos: “A lógica tem oito divisões: tem as categorias, tem não sei o quê, não sei o quê”, o sujeito está confundindo a teoria dos gêneros. Ou seja, ele está falando da Teoria dos Gêneros e não da Teoria dos Quatro Discursos. Essas duas coisas, para mim, são inseparáveis.

Aliás, antigamente, muito antigamente, eu costumava distribuir aos alunos uma série de diagramas que eram usados nesse curso. Eu vou fazer a mesma coisa com vocês. Você tem o quadro dos Quatro Discursos, você tem o quadro dos Gêneros, você tem a Tipologia e assim por diante. São vários esquemas, e você precisa saber quando usa um e quando usa o outro. Gêneros de discurso existem muitos, mas os gêneros também de certo modo são tipos ideais. Por exemplo, quando você lê Balzac, tem páginas e páginas de Balzac que não são ficção, que são história. Mas o problema não é esse. Em matéria de gênero, você poderia até dizer que ele está misturando romance com história, é possível. Hoje em dia, há muitos historiadores que usam técnicas de ficção para preencher os hiatos. Quando você não tem os dados, você precisa conceber, precisa inventar o que conecta uma coisa com outra, e às vezes isso dá maravilhosamente certo e, por meio da imaginação, você descobre a realidade — isso é possível. Mas sempre sobrar o problema: aí você está misturando gêneros. Na hora em que você mistura gêneros, qual é o resultado em termos do nível de credibilidade? Aí que entra a avaliação da coisa pelos quatro discursos. Então não confundir alhos com bugalhos.

A estrita organização lógica da mente é uma característica da mente juvenil — isto é importante vocês aprenderem. Eu acabei de escrever um artigo, vou lê-lo para vocês. Não estou falando mal de ninguém, sobretudo não estou falando mal do Augusto que é um sujeito que merece o maior respeito. O que não quer dizer que ele esteja totalmente fora disso, porque raciocinar de uma maneira estritamente lógico-analítica é uma característica de jovens, sobretudo de adolescentes. O artigo não foi publicado ainda, chama-se “Debateiros brasileiros”:

Se há uma coisa que brasileiro gosta, é de discutir. Gosta principalmente de escavar contradições no discurso alheio, exibindo-as com o ar triunfante de quem pegou o adversário de calças na mão. O nome dos que se dedicam a isso é legião. Valem-se, para tanto, de noções elementares de lógica, que lhes revelam os segredos da coerência silogística e lhes permitem facilmente perceber onde as conseqüências não se seguem das premissas ou clamam, coitadinhos, por uma premissa faltante. Com base nisso o discutidor pode, sem qualquer inibição, jogar no rosto do oponente – ou vítima – as acusações de “sofisma” e “falácia”, palavras que hoje em dia estão entre as mais populares nos debates eletrônicos. A elas acrescentam-se, para piorar as coisas, os nomes dos vinte e sete estratagemas erísticos de Arthur Schopenhauer, que tive a infeliz idéia de publicar e comentar em português, na ilusão de que os leitores os usariam para corrigirem-se a si mesmos em vez de atormentarem seus vizinhos.

Num momento em que cada um se nomeia fiscal infalível da coerência alheia, cabe lembrar aos distintos que o próprio Aristóteles, inventor ou primeiro formulador das regras da lógica e das Refutações Sofísticas, advertia que esses instrumentos de nada valiam sem um longo adestramento preliminar nas artes da linguagem e no exercício da compreensão. Com muita prudência, ele antepôs ao aprendizado da silogística (e da sua irmã desnaturada, a sofística), os tratados sobre a interpretação, as categorias (ou tipos de predicados), os ante predicamentos (ou níveis de predicação), a psicologia do discurso (ou retórica) e a arte de distinguir entre as contradições reais e aparentes (a tópica, ou dialética). No topo de tudo isto foi que ele colocou a técnica do discurso científico coerente, à qual deu o nome de analítica, mais tarde chamada de “lógica”.

Saltando sobre todo esse aprendizado preliminar, (...)

E prestem bem atenção! Quando eu falo aprendizado preliminar, não estou me referindo, nem mesmo a isso, a você estudar todos os tratados de Aristóteles pela ordem. Estou dizendo: é preciso adquirir o domínio dessas disciplinas, o que não é possível fazer estudando Aristóteles. Por exemplo, a arte da interpretação: se você estudar o tratado de Aristóteles *De Interpretação*, estudar até o fundo, você entenderá a arte? Não, meu filho. A interpretação diz respeito à semântica e ao uso efetivo da linguagem. Imagina quanto você precisa ler e quanto precisa conversar, e a cultura literária e jornalística imensa que tem de ter para dizer “agora entendo o que Aristóteles quis dizer”. Não é só estudar o texto de Aristóteles. Você achar que vai dominar a arte da interpretação, estudando o texto de Aristóteles, é a mesma coisa que achar que você conhece o mundo porque decorou o tratado de geografia. Não é a mesma coisa. Você pode passar a vida estudando geografia sem sair de casa, você não conhece nada do planeta Terra, você não viu o planeta Terra.

Você não pode conhecer as coisas só pelas suas definições, é preciso vê-las. Não basta você estudar aqueles conceitos que Aristóteles lhe dá ali, você precisa ver como isso funciona na prática. Quando estou dizendo “Aristóteles teve a prudência de colocar esses tratados”, esses tratados não são só nomes de tratados ou obras de Aristóteles, são nomes de disciplinas que se estudavam na Academia platônica e no Liceu aristotélico. E essas disciplinas eram estudadas só nas apostilas do mestre? Claro que não. Por exemplo, só a arte da interpretação supõe uma riqueza de vocabulário e de experiência literária enorme. Então não é só ler o livro de Aristóteles, não: é fazer o que Aristóteles mandou fazer.

E quanto às Categorias? Você pode estudar o livro das *Categorias*, pode aprofundar aquilo. Só que, na prática, você sabe lidar com isso? Você sabe, por exemplo, exatamente onde termina a categoria

da quantidade e onde começa a da qualidade? Para saber que os marxistas têm um negócio que chamam “salto qualitativo”, onde eles dizem que, quando uma quantidade vai aumentando, repentinamente ela se transfigura em qualidade, o acúmulo da quantidade transforma-se numa mutação qualitativa. Isso acontece? Acontece, no plano da sociedade isso acontece de fato. Se acontece no plano da natureza, é outro problema. Só que para entender isso você precisa de alguns anos de prática de ver como isso acontece, se acontece e quando acontece. É assim que se forma uma mentalidade filosófica, não é pegar os textos filosóficos e ficar malhando dia e noite.

Outro dia o José Nivaldo Cordeiro louvou uma coisa que o Alex Catharino escreveu, expondo teorias do Eric Voegelin sobre o problema da ordem: “Muito bom, porque a meditação é muito importante”. Expor a teoria do Eric Voegelin sobre a ordem é coisa de desocupado porque milhares já fizeram isso, há vários livros introdutórios. O problema não é esse, mas sim saber se você consegue enxergar problemas reais através da grade de conceitos que o Eric Voegelin elaborou.

Eu dou curso de filosofia há quase 30 anos e nunca dei introdução didática a coisa nenhuma. Por quê? Porque autores de livros didáticos não precisam ser filósofos, filósofos têm de fazer algo mais. E têm de fazer o quê? Aquilo que o Eric Voegelin dizia: “Não estude a filosofia de Eric Voegelin, estude a realidade”. Eu mesmo dei um curso que chama “Introdução à Filosofia de Eric Voegelin”. O que eu fiz? Expus as doutrinas de Eric Voegelin? Não. Eu não vou fazer isso. Para isso, vocês peguem um manual. O que eu vou fazer é mostrar alguns pontos que são problemáticos na obra de Eric Voegelin porque ele não completou. Aquele negócio: o sujeito morreu e nada mais disse, nem lhe foi perguntado. Então ele deixou alguns pontos de interrogação, como o próprio Aristóteles também o fez.

O que é a coisa mais linda da filosofia de Aristóteles? É o seu ponto de chegada onde sobra um imenso ponto de interrogação, onde ele diz: “Tudo o que existe, existe sob forma de indivíduos concretos; e todo o conhecimento que temos é conhecimento geral abstrato”. Estamos bem arrumados. Há uma tensão sobre o nosso modo de conhecer e a estrutura da realidade. Não quer dizer que seja um abismo intransponível, mas temos um problema. E como Aristóteles resolveu o problema? Ele não resolveu; morreu e levou consigo a solução — se é que sabia. É justamente onde uma filosofia deixa um negócio incompleto e faltante, ali que está o trabalho para você fazer: prosseguir a investigação, porque, como diz S. Tomás de Aquino: “*Veritas filia temporis*” (a verdade é filha do tempo). Um começa, depois vem outro, depois vem outro, depois vem outro, acabemos descobrindo alguma coisa.

No curso que dei sobre Eric Voegelin, o que eu tentava fazer é dizer não o que Eric Voegelin já disse, porque já disse. Ele não publicou os livros? Eu estou aqui para repetir o que ele disse nos livros ou o que outras pessoas às vezes mais qualificadas para isso expuseram resumidamente os materiais? Se bem que a maior parte dos livros sobre o Eric Voegelin não são livros de exposição didática, de repetição de teoria, mas são livros muito sérios de investigação deste ou daquele problema à luz do que Eric Voegelin ensinou. Neste curso eu procurei mostrar justamente onde terminava a filosofia do Eric Voegelin e qual tem de ser o passo seguinte.

Estudar essas coisas não é ler o que Aristóteles escreveu a respeito, não é você passar o resto da vida estudando Aristóteles e comentadores de Aristóteles. Se você pegar, por exemplo, o livro *De Interpretações* e estudar em seguida todos os comentários que escreveram sobre isso desde a Antigüidade até hoje, o que você vai saber da ciência da interpretação? Nada, você vai saber só o que Aristóteles disse. Eu digo: e você tentou aplicar isso a algum caso concreto? Não. Então você não sabe nada. Em quantos casos concretos você aplicou? Por exemplo, problemas de interpretação, sinônimos, parônimos, antônimos, etc. e etc.? Qual é a prática que você tem disso na sua escrita? Você domina isso na sua escrita? Não. Então você não sabe do que Aristóteles está falando. Trata-se de preencher os conceitos de conteúdo de experiência, “é um saber de experiência feito”, como

falava Camões. Experiência cultural que você adquire através da literatura, da história, do noticiário de atualidade, tentando entender o que acontece, aí sim você está se formando. A erudição filosófica - que você poderia passar o resto da sua vida adquirindo - o pessoal já quer receber tudo logo de cara, sem esperar para adquirir experiência da vida suficiente para saber aplicar aquilo.

Por exemplo, eu sei um bocado de teoria musical. Eu tinha um amigo que era maestro e eu fazia umas análises estruturais. Ele tocava Bach, eu dizia: “É assim, pá, pá, pá, pá”. Ele dizia: “Mas você é músico!”. Não, eu sei teoria musical, eu não sei tocar nem campainha, nada. Quando eu era moleque fizeram um esforço hercúleo, heróico, para me ensinar piano e não conseguiram; eu os derrotei a todos. Depois, tentaram me ensinar acordeão, pior ainda porque o negócio era pesado, eu era doente, estava fraquinho, odiava aquele negócio. Então, meu filho, eu sou um bom ouvinte de música, mas eu só entendendo na teoria. Essa é uma diferença enorme. Outro dia eu vi uma chinesinha tocando o negócio do Liszt, eu quase caí de costas. Eu falei: meu Deus, quanto tempo leva para a pessoa saber — presta atenção — exatamente com que intensidade e durante quanto tempo tem de apertar cada tecla? Isso é substância real, não é teoria, não é a armadura teórica do negócio, isso é uma coisa real que acontece no tempo. Do mesmo modo a arte da interpretação, das categorias, os ante predicamentos, sobretudo a psicologia do discurso.

Você lê a *Retórica* de Aristóteles, passa o resto da vida inteira estudando a *Retórica* de Aristóteles, o que você sabe da retórica? Nada, zero, zero, zero. Por quê? Acabei de dizer: uma boa parte da *Retórica* é a psicologia dos vários públicos, que você pega por observação e por experiência que tem de ser acumulativa. E experiência, não só experiência de observação, é experiência ativa. Você já tentou persuadir alguém de alguma coisa? Quais são os meios de persuasão que você de fato domina na prática? Quando você vê, nenhum. Então você não sabe nada da retórica de Aristóteles.

Estão entendendo o que Eric Voegelin queria dizer com “não estudem a filosofia de Eric Voegelin, estudem a realidade”? Quer dizer, eu, Eric Voegelin, aqui, do que obtive, da minha experiência com os movimentos ideológicos de massa, que quase me custou a vida — estava fugindo pela porta dos fundos quando a Gestapo estava batendo a porta da frente —, com tudo isso eu criei aqui esses instrumentos que é para ajudar a entender todo esse negócio. Agora você pega tudo isso daqui e aplica aos conhecimentos que você tem da realidade. Onde você vai obter os conhecimentos da realidade? Nos livros do Eric Voegelin? Claro que não. Na própria realidade. E como é que você faz?

Por exemplo, aquele famoso problema do Georg Jellinek: quais são os processos históricos que derivam de um plano pré-concebido e quais aqueles que resultam da combinação fortuita de linhas de ação independentes? É fácil você entender esse conceito, mas faça isso num caso concreto. Eu nunca encontrei uma pessoa que soubesse fazer isso no Brasil, nunca, nenhuma. Por exemplo, você vê como as pessoas se atrapalham ao lidar com o fenômeno do Foro de São Paulo, elas querem achar que foi tudo coincidência. Mas você sabe se foi coincidência? Você rastreou as linhas de ação? Não. Então você não sabe, você nem sabe que existe o problema. Para você entender uma linha de ação numa só seqüência de fenômenos, pode haver uma série de nexos causais — eu tentei explicar isso na apostila “Problemas de método nas ciências humanas”, tentei explicar muito por alto e muito esquematicamente. Num só fenômeno, num só fato, você tem várias linhas de ação.

Eu vou contar uma história para vocês que eu li ontem e que me deixou de cabelo em pé até agora. Até o Maurício, que não tem um fio de cabelo, está nessa situação. Em 1982, havia, na Polônia, aquele movimento Solidariedade, que estava crescendo enormemente e ameaçava derrubar o regime comunista. Daí o chefe da Polônia, o general Jaruzelski, decidiu implantar um estado de sítio e montou um esquema para botar 80 mil policiais nas ruas, para prender no mínimo 6 mil líderes e pessoas importantes do Solidariedade, para ferrar com tudo. E neste íterim o Papa visitava a Polônia. E daí o Papa recebeu a visita do William Casey, que era o chefe da CIA. O Papa tinha

recebido a informação de que o homem estava preparando o estado de sítio. E ele disse isso ao William Casey, que respondeu: “Santidade, não se preocupe, estamos perfeitamente informados, já sabemos de tudo, já sabemos o que vamos fazer”. Vinte quatro horas depois essa informação estava na orelha do general Jaruzelski. Só Jaruzelski e três assessores sabiam do plano, portanto foi um dos três. O cara que havia dado a dica, que chegou ao Papa e chegou à CIA, chamava-se Leon Kuklinski, era um coronel. E Leon Kuklinski sentiu que o mar não estava para peixe, se mandou para os EUA onde ganhou nova identidade, proteção à testemunha, mas mesmo assim houve duas tentativas de assassiná-lo que falharam. Como o Papa e Casey ficaram sabendo, nós sabemos: foi o Leon Kuklinski que deu a dica. Como é que o Jaruzelski ficou sabendo que eles sabiam? Tinha um microfone na sala de audiência do Papa, a KGB colocou um microfone.

Este é um dos poucos casos onde sabemos toda a seqüência de nexos causais. Destes nexos causais, alguns entendemos a razão deles. A CIA e o Papa ficaram sabendo por que o Coronel Kuklinski deu a dicas para eles. Mas como é que o Kuklinski ficou sabendo? Essa parte da história é um mistério, porque, se o general Jaruzelski desconfiava dele, então ele seria o último a saber que o general desconfiava. Mas acontece que ele sentiu no ar alguma coisa esquisita e se mandou. Ou seja, não chegaram a fazer nenhuma tentativa de prendê-lo, mas ele sabia que vinha encrenca. Este é um ponto obscuro que jamais saberemos: como ele sacou isto? Porque se ele e mais dois sabiam, um dos dois deu a dica para ele, um dos dois também estava traindo o Jaruzelski, então teria de prender não um, porém dois e talvez três. É a parte misteriosa da coisa.

Então uma parte dos acontecimentos se desenrolou de acordo com uma intencionalidade racional que podemos compreender e outra parte entra o elemento de mistério que só pode ser preenchida pela imaginação ficcional. Imagine o último dia de Kuklinski na Polônia, dá um romance, só aquele dia. É um romance todo inventado, mas o romance daria alguma credibilidade ao que aconteceu, alguma visibilidade ao que aconteceu. Eu digo: é raciocinando sobre essas coisas que entendemos, por exemplo, o conceito de Georg Jellinek a respeito dos processos causais, intencionais e acidentais. E é assim também que vamos entendendo vários outros fenômenos da mesma ordem e é através disso que chegamos a entender o que Aristóteles estava querendo dizer com categoria, o que ele queria dizer com causa, etc.

Estudar os textos filosóficos é um centésimo do esforço filosófico. No começo do aprendizado tem de se graduar as duas coisas: um pouco de estudos dos textos filosóficos e bastante de estudos da realidade através da literatura, da história, da psicologia. Eu digo: psicologia também não é ler um monte de texto de psicologia, é ler um pouquinho de texto e aprender a reconhecer na realidade. Tem de dar uma no cravo e outra na ferradura. É sempre assim. Senão você vai ser mais um erudito oco que vai viver dentro daquele mundo de certezas feito somente de papel, e que realmente as pessoas fora do seu círculo especializado não têm interesse e têm razão de não tê-lo, isso é apenas um jogo. As pessoas podem adorar essa situação: “Adoro filosofia, adoro ficar lendo Aristóteles, adora lá as categorias, os predicamentos, eu tenho orgasmos com tudo isso aí”. Eu digo: tudo isso é diversão, é um jogo, é como gostar de xadrez. São apenas formas lógicas.

Saltando sobre todo esse aprendizado preliminar, como quem se alçasse direto do térreo ao quinto andar sem passar pelas escadas nem pelo elevador, nossos debatedores acreditam poder medir e julgar a coerência do discurso alheio sem precisar ter a percepção correta das nuances de sentido, dos níveis de predicação (categórico, modal, hipotético, etc.), das variações de significado conforme o público e a situação de discurso e, por fim, do jogo dialético onde aquilo que parece absurdo sob certo aspecto é uma verdade óbvia sob outro aspecto.

Você quer um exemplo? Um dia no programa eu disse que a Inglaterra se cristianizou antes do resto da Europa. Daí aquele tal de Gustavo Moreira disse: “Mas que cretino, como é que ele fala isso, ele não sabe que existia Roma?”. Claro que existia Roma, então é claro que Roma foi cristianizada antes da Inglaterra, é o óbvio. Mas como eu disse que a Inglaterra foi cristianizada, ele achou que

era um erro elementar. Mas espera um pouquinho, um erro tão elementar assim eu não poderia ter cometido, quer dizer, eu não sabia que foi de Roma que partiu a cristianização da Inglaterra? A Itália certamente estava cristianizada antes da Inglaterra. Então não pode ter sido isso o que eu disse. Como ele sabe disso? Pela situação de discurso e pela figura do falante: o cara como o Olavo não pode ignorar uma coisa desta, então se ele disse isso ou foi uma frase imprecisa ou ele quis dizer outra coisa. Não deu tempo de explicar isso no imbróglgio lá com o Gustavo Moreira, mas é até interessante. É claro que eu não quis dizer que a Inglaterra foi cristianizada antes de Roma, não posso querer dizer uma coisa desta. Então ele deveria ter perguntado: o que você quis dizer exatamente? E eu diria. Eu quis dizer que a Inglaterra foi mais perfeitamente cristianizada antes que os outros países. Por quê? Porque nos outros países estavam pululando heresia que não tinha tanto na Inglaterra, tinha menos: era isso que eu estava querendo dizer. Mais perfeitamente cristianizada antes dos outros. Na Itália estava pululando heresia, Alemanha, França, todo mundo, na Inglaterra tinha muito menos. Então era um povo mais perfeitamente cristianizado antes dos demais, que é uma frase compacta dita num programa de rádio. Se você pegar a frase em si esvaziada do falante, do contexto, da intenção, fica parecendo absurdo mesmo. Então tem razão, eu seria uma besta quadrada mesmo se fosse isso o que eu queria dizer.

Uma observação que já fiz e que, no tempo em que eu trabalhava na redação, eu sempre fazia. Por exemplo, no *Jornal da Tarde*, eu trabalhava como subeditor. Qual era a minha função? Pegar os textos dos repórteres e corrigi-los, e freqüentemente pedir ao repórter que complementasse uma coisa ou outra. Claro que os repórteres todos me odiavam porque todos eles achavam que eram o William Shakespeare em pessoa e não podiam ser corrigidos. Tinha uma meia dúzia que me odiava, porque diariamente era submetida à humilhação de ter de responder perguntas: o que você quis dizer com este negócio? Não estou entendendo; e aquilo ali, está faltando tal coisa. Eu conheci um editor que era muito mais cruel que eu, chamava-se Ciro Franklin de Andrade — foi meu guru no jornalismo. Quando você fazia uma burrada desta, ele não perguntava nada — aliás, ele nunca falava, era um sujeito mudo —, ele escrevia lá, fazia uma observação, recortava aquilo e grudava no mural para expor você à execração pública. Eu nunca fiz isso.

Mas, o problema era exatamente este: a interpretação. E eu sempre dizia para os camaradas o seguinte: Você entrevistou fulano? Entrevistou. Antes de a sua matéria ser publicada, você vai escrevê-la, vai corrigi-la, pode até escrever uma, duas, três, quatro vezes, depois ele vai passar por mim que vou corrigir, tampar todos os buracos, ver todas as incoerências etc.; depois de passar por mim, ela vai passar pelo editor da página, meu filho, o qual vai ler de novo e ver se eu deixei passar alguma coisa. E daí sai lá a sua matéria limpinha, bonitinha, etc. e etc., e você está garantido contra possibilidade de ter cometido qualquer asneira, e mesmo assim às vezes passa asneira. E o seu entrevistado, coitado? Você pegou o cara, ele disse duas palavras no microfone, você gravou. E ele copidescou a sua própria declaração? Não. Alguém copidescou para ele? Não. Então esse é um jogo de cartas marcadas, é um jogo desigual, onde você pode pegar qualquer declaração do sujeito, dar a interpretação que você quiser e expor o cara ao ridículo, a execração pública, ao passo que você está defendido.

Vocês lembram o que a imprensa inteira fez com uma frase do Maluf: estupra, mas não mata? Até hoje há piada malignas em cima do cara, dando o sentido de que ele acha o estupro uma coisa normal, só não pode matar. Aonde ele disse isso, em que contexto? Qual é a interpretação que se deve dar? Você perguntou isso? Não, você pegou a frase mais do que depressa: vou ferrar com esse cara. E fez isso. Jornalista vive disso. Agora, esses especialistas em lógica, etc., tão treinados em Aristóteles, percebem isso quando lêem? Não. Então, meu filho, você não estudou Aristóteles, você estudou o texto de Aristóteles, porque Aristóteles sabia fazer isso.

A lógica é uma espécie de geometria euclidiana do discurso. Aristóteles ensina que ela só se aplica diretamente ao discurso científico formal, onde as nuances, as cores, as ambigüidades poéticas e as

figuras de linguagem da fala corrente e da escrita literária já foram eliminadas por um árduo trabalho de depuração conceitual e de redução de tudo a significados estáveis e uniformes.

Como é que é isso? Você vê lá um personagem, por exemplo, Dom Quixote. Dom Quixote então é, por assim dizer, um tipo ideal. Mas antes de ser um tipo ideal, ele é um personagem de ficção. Você vai transformá-lo num tipo ideal, ou seja, você vai transpor da linguagem ficcional para uma linguagem de conceito psicológico. Como você descreve esse tipo ideal de modo que ele corresponda rigorosamente ao que está na obra de ficção de Cervantes? Você acha que isso é fácil de fazer? Então experimenta. Você vai dizer, por exemplo, que Dom Quixote é idealista? Seria uma palavra que normalmente nos ocorreria. Mas acontece que o idealista tem ideais abstratos e Dom Quixote não pensava através de ideais abstratos, ele visualizava figuras reais concretas por trás da realidade. Quando ele vê o moinho e acredita que o moinho é um dragão, é um idealismo? Corresponde ao conceito de idealismo? Não. Então você vê que aplicar a palavra “idealismo” ao descrever Dom Quixote não é exato, então a tradução foi mal feita. Você pode estar criando um conceito que pode ser válido em si, mas que não corresponde à substância do personagem. Depois que você fez tudo isso, transpôs tudo da imaginação, da linguagem literária para a linguagem de um conceito científico, aí sim pode aplicar a lógica. Antes disso, não.

Ignorando essa obviedade, que lhes jogaria nas costas o pesadíssimo encargo de um sério adestramento nas artes da linguagem, os lógicos do território bloguístico, bem como do *Orkut* e do *Facebook*, amealham triunfos fáceis, mas perfeitamente ilusórios, apontando “falácias” e “sofismas” naquilo que não entendem.

Isso é coisa de um ridículo monstruoso.

Fazem isso porque as regras da lógica, malgrado a obscuridade da sua formulação técnica explícita, são aquilo que existe de mais simples, esquemático e até instintivo no pensamento humano, algo como a aritmética elementar, onde as quatro operações, uma vez apreendidas, podem continuar sendo aplicadas automaticamente a números cada vez maiores, sem necessidade de nenhum aprendizado suplementar. Embora esteja, do ponto de vista da coerência formal, no topo da hierarquia dos discursos, a lógica corresponde, na verdade, ao nível mais tosco e elementar do pensamento. Um gato, quando se prepara para um salto, avalia a proporção entre a altura do obstáculo e a força de empuxe que suas pernas terão de investir no empreendimento. Isso corresponde, esquematicamente, a uma equação trigonométrica, que é um tipo de raciocínio silogístico. Essa habilidade o gato compartilha com outros animais espertos, como os cães e os leões, mas também com alguns que não são tão notáveis pela inteligência, como os cavalos e as ovelhas. (...)

Cavalo também mede a altura de um obstáculo e a ovelha também. Vocês nunca contaram carneirinho para dormir? O carneirinho está pulando a cerca. Como é que ele vai pular sem fazer o cálculo?

(...) Mas nenhum gato jamais conseguiu distinguir uma figura de linguagem de um conceito formal, apreender nuances de sentido conforme a relação entre falante e ouvinte e muito menos lidar com duas proposições contraditórias que são ambas verdadeiras em sentidos diferentes. (...)

Você vê que entre o raciocínio lógico e a compreensão efetiva da linguagem é a distância que medeia entre um gato e um ser humano.

(...) Eis por que os debatedores internéticos preferem se ater ao automatismo fácil das regras lógicas, aplicando-as de modo raso e sonso a discursos polivalentes e polissêmicos que, para se prestar a isso, teriam de passar antes por um complexo e dificultoso trabalho de interpretação literária, compreensão em profundidade e formalização conceitual. Trabalho que às vezes resulta completamente impossível.

Veja, por que todas as operações lógicas você pode reduzir a programas de computador? Porque são a parte mais simples e esquemática, é a forma de raciocínio que compartilhamos com animais. Animais têm pensamento lógico? É claro que têm. Agora, animais têm cultura literária? Têm sensibilidade lingüística? Têm compreensão de símbolos? Sabem lidar com contradições dialéticas? Não, meu filho.

Esse é o motivo, também, pelo qual aconselho a meus alunos que não entrem no estudo das áreas filosóficas mais técnicas e mais dependentes da lógica antes de adquirir uma sólida cultura literária universal, o domínio de vários idiomas, um apurado senso das figuras de linguagem e, enfim, uma compreensão adequada do que lêem. Como já se vê pelos erros de gramática que pululam nas suas sentenças como girinos em volta da mamãe sapo, os fiscais da coerência alheia se absterem dessa precaução e acreditam poder abrir caminho no mundo dos debates intelectuais armados tão somente de automatismos lógicos ao alcance de um gato ou de um jumento.

Então vocês vêem que estou indicando para vocês o único caminho de aprendizado possível, o único que pode fazer de vocês verdadeiros eruditos, verdadeiros intelectuais, gente séria. Erudito acadêmico o Brasil não está precisando, nós precisamos de pessoas não de pessoas que conheçam filosofia, mas pessoas que entendam a realidade. Por quê? Porque há 40 anos a história do país não é contada, é tudo obscurecido, tudo circula só sob a forma de estereótipo, as pessoas não sabem realmente o que se passou, já perderam o fio da meada há duas gerações e alguém vai ter de entender isso.

Eu escrevi outro artigo, que deve sair esta semana, que fala, por exemplo, desses comentaristas de mídia. O comentarista de mídia é o sujeito que leu alguma coisa na mídia e escreve alguma coisa, comenta aquilo no mesmo nível daquilo que ele leu. Ele faz o que o Rolf Kuntz, saudoso colega — espero que esteja vivo ainda e saudável, esse é um grande jornalista —, chamava de “autofagia”. O que é autofagia? O sujeito escreve nos jornais aquilo que ele leu nos jornais. Agora, um comentarista político tem de ter informação não de jornal, ele tem de informação ao nível do que os grandes serviços de inteligência têm, e ele tem de poder analisar essas coisas melhor do que um analista de inteligência. Para isso, ele tem de ter uma formação de filosofia, de história etc. e toda essa prática que estou falando.

Como o pessoal não tem isso, o jornalismo brasileiro não está informando mais nada para ninguém. Eu até fiz um critério: quando uma mentira se espalha... Por exemplo, porque existem os profissionais da desinformação... Hoje em dia, no Brasil, qualquer mentirinha chamam de desinformação. Desinformação é uma operação técnica da mais alta complexidade, que visa a dar a governantes e pessoas com poder de decisão uma informação “x” para provocar neles uma ação “x” ou “y” que já está calculada pelo inimigo. Então não é qualquer mentirinha. Por exemplo, dizer que o Gustavo Moreira está fazendo desinformação? Meu Deus, o Gustavo Moreira precisaria de 20 anos de curso da KGB para saber fazer uma desinformação, o que ele faz é uma burrada, uma mentira pura e simples.

Quando você tem um desinformante verdadeiro, o que ele faz obedece a um plano. E nas entrelinhas você consegue às vezes descobrir onde ele está querendo chegar, ou seja, que ação ele pretende desencadear com aquele fluxo de informações falsas. E este objetivo então por sua vez é informação verdadeira. Existe um critério objetivo para você medir a confiabilidade do jornalismo. O critério é o seguinte: você vê quando uma informação falsa foi disseminada e depois quando ela foi desmascarada, porque às vezes o agente dá com a língua nos dentes e confessa que fez o que fez, e quanto tempo o jornalismo leva para corrigir o erro. E eu dei o exemplo do Ladislav Bittman.

Em 1964, esse cidadão tcheco chamado Ladislav Bittman era o chefe da KGB no Brasil. Quando houve o golpe militar, ele inventou que o golpe tinha sido tramado e financiado pelo governo de Washington. Ele inventou isso para desmoralizar o golpe evidentemente. E para isso, ele procurou

primeiro um agente da CIA no Brasil, não havia nenhum agente lotado no Brasil — que coisa incrível! O homem da KGB falou: “E agora? Eu quero comprometer um cara da CIA, mas não tem ninguém da CIA, mas tem um cara do FBI”. Então ele falsificou uma carta do J. Edgar Hoover, que era o chefe do FBI, para esse agente lotado no Brasil, e isso simulava que o governo americano tinha tramado tudo. Espalhou isso pelos jornais, e todo mundo acreditou. Isso foi em abril de 1964. Quando foi em 63, nove anos depois, ele publicou um livro, *The KGB and The Soviet Desinformation*, onde ele contava essa operação que tinha realizado quando estava no Brasil. Passaram-se 28 anos, ninguém deu o menor sinal de querer corrigir a coisa. Daí eu publiquei um artigo na época, dizendo: “E o Ladislav Bittman? O cara já contou a história toda, vocês não vão entrevistar o sujeito?” Também ninguém ligou. Até hoje a história de que o golpe começou em Washington é repetida, repetida e repita. Então, quer dizer, a confiabilidade no jornalismo brasileiro é zero, porque você não tem pessoas categorizadas, preparadas, para exercer essa coisa de análise política.

Quem sabe do nosso curso sai uns três ou quatro? Se sair uns três ou quatro habilitados a fazer isso, será uma maravilha. Só que para fazer isso, meu filho, você precisa passar por esse aprendizado que é especificamente distinto do que se aprende na universidade, que é uma coisa para a prática da vida intelectual e não apenas para atender os requisitos curriculares de uma carreira profissional acadêmica no Brasil. Não precisamos de mais gente formada na academia, precisamos de gente capaz de analisar a realidade.

Até como contraste, eu dei um exemplo: durante um tempo houve na mídia européia um estado de pânico por causa de movimentos neonazistas na Alemanha ocidental, todo mundo falava disso a toda hora. Quando se unificaram as Alemanhas, vieram à tona os papéis do serviço secreto da Alemanha Oriental, a Stasi, e se via que o movimento neonazista era um fantoche criado pela Alemanha Oriental para camuflar operações de terrorismo e assassinato político. Daí todo mundo viu que era *fake*, acabou a onda de neonazismo. Ninguém mais fez alarma de neonazismo na Alemanha. Quer dizer, a mídia se corrigiu, ela percebeu: “Nos enganaram”. Então todo mundo se desinteressou pelo tal do neonazismo. Mas eles se corrigiram imediatamente.

Agora, e no Brasil? Passaram-se 28 anos. Quando se completaram 28 anos, eu publiquei o artigo; depois disso, passaram-se mais 11 anos. São 39 anos de engodo. Eu digo: por que as pessoas lêem a *Folha de S. Paulo* e o *Estadão*? Sinceramente, eu já não entendo mais. Pode ser talvez para ler a coluna de turfe ou cotações da Bolsa, ou para saber o horário da programação da televisão — só para isso que serve. Que é um serviço público, não nego. Mas nada do que se passa na sociedade, na política, etc. nada de real chega lá. Durante quanto tempo um país pode viver assim? Vou lhes dar um exemplo de duas coisas que aconteceram nessa semana — vou prolongar um pouco esta aula só por causa disso.

Primeiro, todo mundo sabe que os estudantes brasileiros tiram os últimos lugares nos testes internacionais há mais de 10 anos, todo mundo sabe que 38% dos estudantes universitários não sabem ler nem escrever, todo mundo sabe que até o Ministro da Educação é um analfabeto, ou seja, que o ensino brasileiro acabou. No entanto, outro dia teve um teste para cursos no exterior, para o sujeito fazer curso da América ou na Europa e para tirar um MBA: os brasileiros tiraram os melhores lugares, botaram chinês e americano tudo no chinelo. Qual é a conclusão? Os melhores brasileiros estão fugindo do Brasil evidentemente. Quer dizer, onde estão os bons estudantes brasileiros? Estão lá fazendo MBA nos EUA, na China. Estes são os melhores, então eles vão lá e arrasam, mostram que brasileiro não é burro. Sim, mas esses são os que fugiram. No Brasil, ninguém faz isso. Os estudantes bons são justamente os que estão fugindo.

Segunda notícia da semana. O Brasil é recordista mundial de depressões. Ora, estude um pouco do Viktor Frankl: a depressão aparece, sobretudo, quando sumiu o sentido da vida. Como pode ter

sentido da vida num lugar onde as pessoas nem sabem como é a sociedade onde se está, qual é a história, de onde elas vêm e para onde vão. Não sabem nada, soltam as pessoas no ar. É claro que vai dar uma epidemia de depressão. É contra isso que estamos lutando, é contra isso que preciso da colaboração de vocês, é para isso que vocês foram convocados aqui. Nós temos de fazer a nossa parte para restaurar a sanidade brasileira, e a sanidade começa com a compreensão da realidade, da realidade histórica sobretudo, compreensão do seu passado. Não é para ficar fazendo bonito com trabalhos acadêmicos. Inclusive, na parte final do curso, onde vou pedir para vocês que se dediquem ao estudo de temas específicos, será muito bom se esses temas não forem coisas que tenham interesse só de tipo “eu gosto muito de jogar xadrez”, “eu gosto muito de filosofia”. Não, não pode ser isso, tem de ser alguma coisa que tenha importância pessoal para você, mas que seja útil para os outros.

Também esse negócio de “empreendimentos culturais”, “difusão cultural”, tem um monte de coisa nessa área no Brasil — em geral tudo picaretagem. O sujeito lê uma sugestão num artigo meu, “oba, eu posso ganhar dinheiro com isso aqui”, então usa aquilo como instrumento de autopromoção. Você pode medir pelo seguinte: qual é o resultado benéfico que esses empreendimentos tiveram para outras pessoas? Em geral é zero. Qual é o resultado benéfico que teve para os seus autores? Grande resultado: ficaram ricos, famosos, etc. Então são trabalhos feitos em circuito fechado: é para eles mesmos. Não é esse tipo de resultado que eu quero. Gente que vê lá o nome de um autor: “Vou contatar a família do autor, vou lá fazer *lobby*”, está cheio de gente para fazer isso. Mas essas pessoas passarão porque as obras deles só se destinam a dar um pouco de dinheiro para eles, e já deu. Não é isso que eu quero que vocês façam, vocês não estão aqui para isso.

Aqui é um negócio de longuíssimo prazo que tem de ser baseado naquele lema do Ronald Reagan: “Você pode conseguir tudo que quer, contanto que não faça questão de levar o mérito”. Quando eu comecei o *Mídia Sem Máscara*, o MSM era um negócio totalmente isolado, era tão esquisito que ninguém entendia. Agora você tem milhares de sites que fazem o mesmo, milhares. Tudo isso quem fez? Fui eu. Eu e minha família. Estamos querendo algum reconhecimento por isso? Que reconhecimento, para que serve reconhecimento? Eu queria que as coisas acontecessem, e elas estão acontecendo. Ou seja, obtivemos o resultado. Agora, reconhecimento: para que serve o reconhecimento de um bando de idiotas? Eu vou querer que o Gustavo Moreira tire o chapéu para mim? Faz-me rir! Então vocês têm de trabalhar nesse mesmo espírito.

Eu acho que hoje fomos até além do nosso prazo.

Por favor, todos aqueles que têm fitas cassete, DVD, material que saiu das minhas aulas, por favor, me mande uma cópia urgente. Porque isso é outra coisa de brasileiro também: “eu fui lá escutei um curso espetacular”, pega a gravação, guarda e esconde. Para quê? Você pretende vender isso? Se você vender isso, eu vou em cima de você e cobro uma multa. Você não vai fazer nada, vai esconder aquilo. Quando as pessoas agem desonestamente com relação a um ensino deste, isso é porque alguma coisa não entenderam. E aí de novo não se trata de reconhecimento, trata-se de reconstituir a verdade histórica. Agora, se você está apagando até a história dos cursos do Olavo, como é que você vai entender a história do Brasil? Então, por favor, quem tem qualquer tipo de material, envia uma cópia para mim ou para o Silvio Grimaldo urgentemente.

Até a semana que vem. Muito obrigado.

Transcrição: Jussara Reis de Abreu

Revisão: Fernando José da Silva

